

O ESTADO DE S. PAULO



Quinta-feira 7 DE AGOSTO DE 2014 R\$ 3,00 ANO 135 Nº 44123 EDIÇÃO DE 0H30

Consumo sobe em ritmo superior à capacidade de ampliação

Potencial de crescimento das hidrelétricas devem se esgotar em 2010; gás pode ser a nova fonte de energia para o País

A necessidade de diversificar a matriz energética é urgente. O Brasil funciona graças às usinas hidrelétricas, que dependem de condições climáticas favoráveis para produzir o potencial adequado. Com a seca, o País vive uma baixa nos reservatórios semelhante à de 2001, quando o governo decretou medidas de racionamento.

O potencial hidrelétrico deve se esgotar em 2030, projeta o Instituto Acende Brasil, centro de estudos do setor elétrico. “O consumo de energia cresce em ritmo superior à capacidade de construir novos reservatórios. A capacidade de estocar também está caindo proporcionalmente”, diz o presidente do instituto, Claudio Sales. Uma década atrás, a energia armazenada era suficiente para garantir 6,5 meses de consumo. Hoje, o número caiu para 4,5 meses.

Atualmente, a matriz elétrica brasileira tem uma capacidade

instalada de 136 mil megawatts de geração de energia. Desse total, 67% têm origem hidrelétrica. Até 2022, a Empresa de Pesquisa Energética (EPE) do Ministério de Minas e Energia espera que a participação das usinas hidrelétricas aumente apenas 1,8%, quando o País vai precisar de 34% a mais de potência instalada, ou 40 mil megawatts.

Outras fontes. A energia eólica e solar devem crescer mas, por também dependerem de condições climáticas, são consideradas complementares na matriz energética. O País precisa de fontes geradoras de energia ininterruptas. Entre os combustíveis fósseis, o gás natural tem prioridade: é bem mais barato e polui menos que o carvão e derivados de petróleo.

Segundo a EPE, o setor brasileiro de energia vai precisar de mais de R\$ 1 trilhão em investimentos até 2021. Desse total, R\$ 749 bilhões devem ser destinados ao setor de petróleo e gás natural, principalmente para exploração do pré-sal. O problema é que o setor está estagnado.

“O governo ainda não deu a atenção que deveria ao gás. Enquanto nos EUA o gás é um dos

País aposta na diversificação

● **A energia solar surge como a nova aposta para aquecer o mercado e diversificar a matriz energética brasileira. Com o primeiro leilão federal exclusivo previsto para outubro, espera-se a distribuição entre 500 MW e 1 GW de energia solar. Em 2013, o governo autorizou a participação de investidores, mas os preços não atraíram interessados. Para o novo leilão, os valores devem ficar em torno de R\$ 250 por MW/h. “Se reconhece finalmente a necessidade de uma matriz diversa”, diz Ana Toni, sócia da consultoria Gestão de Interesse Público (GIP). A energia eólica já representa 3% do total gerado no país – há 5 anos, o valor era nulo. “Hoje, praticamente todos os grandes players internacionais já estão instalados no Brasil.”**

principais responsáveis pela volta do crescimento econômico, ainda não temos política voltada para isso aqui. É muita intervenção e falta de planejamen-

to”, afirma Adriano Pires, diretor do Centro Brasileiro de Infraestrutura (CBI).

O setor não vai crescer enquanto não houver a ampliação da oferta e a queda dos preços, na avaliação de Pires. De acordo com ele, falta uma política de preços relativos melhor, pois o preço alto afasta investidores para outros insumos.

Outro problema apontado por Pires é o controle da Petrobrás no mercado de energia. A empresa produz, transporta e comercializa o gás natural da malha doméstica e do gasoduto Brasil-Bolívia. “Se quisermos que o gás tenha presença mais significativa na matriz precisamos de mais leilões, incentivar a troca de tecnologia com outros países e a Petrobrás deve vender participação na distribuição”, diz.

Polêmica. Apesar do diagnóstico, a exploração do potencial hídrico foi a maior aposta do governo da presidente Dilma Rousseff para aumentar a geração de energia. O Plano Decenal de Expansão de Energia (2011-2020) prevê R\$ 190 bilhões em investimentos para a área de geração de energia, mais da metade aplicado em hidrelétricas. A meta é construir e operar 24 novas usinas até o fim do período. Entre as obras do plano está a polêmica hidrelétrica de Belo Monte, no Rio Xingu, no Pará. /B.B.

Potencial de crescimento das hidrelétricas devem se esgotar em 2010; gás pode ser a nova fonte de energia para o País

A necessidade de diversificar a matriz energética é urgente. O Brasil funciona graças às usinas hidrelétricas, que dependem de condições climáticas favoráveis para produzir o potencial adequado. Com a seca, o País vive uma baixa nos reservatórios semelhante à de 2001, quando o governo decretou medidas de racionamento.

O potencial hidrelétrico deve se esgotar em 2030, projeta o **Instituto Acende Brasil**, centro de estudos do setor elétrico. "O consumo de energia cresce em ritmo superior à capacidade de construir novos reservatórios. A capacidade de estocar também está caindo proporcionalmente", diz o presidente do instituto, **Claudio Sales**. Uma década atrás, a energia armazenada era suficiente para garantir 6,5 meses de consumo. Hoje, o número caiu para 4,5 meses.

Atualmente, a matriz elétrica brasileira tem uma capacidade instalada de 136 mil megawatts de geração de energia. Desse total, 67% têm origem hidrelétrica. Até 2022, a Empresa de Pesquisa Energética (EPE) do Ministério de Minas e Energia espera que a participação das usinas hidrelétricas aumente apenas 1,8%, quando o País vai precisar de 34% a mais de potência instalada, ou 40 mil megawatts.

Outras fontes. A energia eólica e solar devem crescer mas, por também dependerem de condições climáticas, são consideradas complementares na matriz energética. O País precisa de fontes geradoras de energia ininterruptas. Entre os combustíveis fósseis, o gás natural tem prioridade: é bem mais barato e polui menos que o carvão e derivados de petróleo.

Segundo a EPE, o setor brasileiro de energia vai precisar de mais de R\$ 1 trilhão em investimentos até 2021. Desse total, R\$ 749 bilhões devem ser destinados ao setor de petróleo e gás natural, principalmente para exploração do pré-sal. O problema é que o setor está estagnado.

"O governo ainda não deu a atenção que deveria ao gás. Enquanto nos EUA o gás é um dos principais responsáveis pela volta do crescimento econômico, ainda não temos política voltada para isso aqui. É muita intervenção e falta de planejamento", afirma Adriano Pires, diretor do Centro Brasileiro de Infraestrutura (CBI).

O setor não vai crescer enquanto não houver a ampliação da oferta e a queda dos preços, na avaliação de Pires. De acordo com ele, falta uma política de preços relativos melhor, pois o preço alto afasta investidores para outros insumos.

Outro problema apontado por Pires é o controle da Petrobrás no mercado de energia. A empresa produz, transporta e comercializa o gás natural da malha doméstica e do gasoduto Brasil-Bolívia. "Se quisermos que o gás tenha presença mais significativa na matriz precisaremos de mais leilões, incentivar a troca de tecnologia com outros países e a Petrobrás deve vender participação na distribuição", diz.

Polêmica. Apesar do diagnóstico, a exploração do potencial hídrico foi a maior aposta do governo da presidente Dilma Rousseff para aumentar a geração de energia. O Plano Decenal de Expansão de Energia (2011-2020) prevê R\$ 190 bilhões em investimentos para a área de geração de energia, mais da metade aplicado em hidrelétricas. A meta

é construir e operar 24 novas usinas até o fim do período. Entre as obras do plano está a polémica hidrelétrica de Belo Monte, no Rio Xingu, no Pará.